

**GONÇALVES, Hugo. Filho da Mãe. Lisboa:
Companhia das Letras, 2019.**

Jorge Vicente Valentim^{1}*



Perto de completar 40 anos de idade, um homem recebe um testamento do seu avô, dentro de um saco plástico. Nele, encontra datas, documentos e, de certo modo, parte de um passado que desconhecia, mas que o inquietava por ver naqueles papéis a incidência de um incômodo: ele e seu irmão foram criados como os “filhos ‘da mãe que já faleceu’” (p. 19). Mote inicial dos relatos sucedâneos, esse homem torna-se protagonista da sua própria história, concretizada em papel, sobretudo, por causa da constatação de que “no testamento não há heranças ou revelações” (p. 20). Ou seja, ao perceber que os seus passos pretéritos e toda a sua experiência

1 * Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Portuguesa) pela Faculdade de Letras da UFRJ (2004), onde também concluiu seu curso de Bacharel em Música (1999). Atualmente, é Professor Associado de Literaturas de Língua Portuguesa (Sub-áreas: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar. Autor de artigos e obras, publicados no Brasil e no exterior, dedicados aos seus campos de investigação, foi finalista do Prêmio Jabuti, em 2017, com o ensaio “*Corpo no outro corpo*”: *homoerotismo na narrativa portuguesa contemporânea* (São Carlos: EdUFSCar, 2016), resultado do seu Estágio de Pós-Doutoramento Sênior, com Bolsa CAPES, na Universidade do Porto (Portugal), sob a supervisão da Profa. Dra. Isabel Pires de Lima (FLUP).



vivida durante a doença e a morte de sua mãe, por um câncer, foram literalmente “obliterado[s] por um rolo compressor que deixara apenas a escuridão que precede e sucede a consciência” (p. 21), ele entra numa jornada em busca desse tempo perdido, seja para compreender a vida que subjaz e supera as dores vividas e sufocadas, seja para recriar uma trajetória e não a deixar cair no silêncio.

Esse é o eixo principal do mais novo livro de Hugo Gonçalves, com o sintomático título de **Filho da Mãe**. É certo que todos nós somos filhos de uma mãe, seja ela de sangue, seja de coração; no entanto, a diferença, aqui, reside na propriedade com que o autor arquiteta o pretexto para construir uma obra densa e multimoda na sua composição. Já explicitada pelo seu criador como um texto motivado por razões pessoais e, portanto, autobiográficas, e devidamente aclamada pela crítica portuguesa em vários sítios *on line*, **Filho da Mãe** aparece com classificações mais variadas: “autobiografia”, “romance autobiográfico”, “romance” ou “lê-se como um romance”. E a razão dessas diferentes nomenclaturas é óbvia: longe de se configurar como unilinear, esse novo título de Hugo Gonçalves vai deixando pistas ao longo de suas linhas que impelem o leitor a uma série de indagações sobre sua tessitura. Logo na primeira parte, por exemplo, ao embarcar para a Ilha da Madeira, ponto inicial de sua jornada e local onde seu avô escrevera o testamento, o narrador começa a fazer as primeiras revelações sobre as artimanhas arquitetadas do texto: “Sinto que a altitude e a velocidade desalojam as placas da consciência, libertando uma torrente de imagens” (p. 26).

Ora, é exatamente nesse efeito de um “torrenciamento” de imagens (fotografias antigas, relatos da avó materna, narrativas do pai e testemunhos do seu irmão mais velho sobre eventos familiares esquecidos, além de um passo-a-passo em locais onde sua mãe esteve), que o narrador vai recriando essa outra personagem, protagonista ausente fisicamente, mas leitmotivicamente presente pelas recordações, chamada Rosa Maria. Numa generosidade singular, Hugo Gonçalves vai destecendo aspectos muito particulares e íntimos de sua experiência com a doença de sua mãe, desde quando era criança, e os vai costurando e unindo com as suas movências por cidades portuguesas e outras do mundo. Assim, somos conduzidos pela mão do narrador a cenas personalíssimas em paragens do Algarve, de Lisboa, do Porto, além de Nova Iorque, Madri e Rio de Janeiro.

Por isso, vou arriscar, aqui, uma outra nomenclatura que ainda não vi associada à essa obra: a autoficção. Apesar das muitas acepções e teorizações sobre o conceito, desde a sua origem, com o debate entre Serge Doubrovsky e Philippe Lejeune, até as mais recentes com Vincent Colonna e Jacques Lecarne, por exemplo, a compreensão do texto de Hugo Gonçalves não deixa de abrir espaço para reflexões em torno das especulações levantadas por Philippe Gasparini. Segundo o ensaísta francês, “o termo autoficção deveria ser reservado a textos que desenvolvem, em pleno conhecimento de causa, a tendência natural a se ficcionalizar, à própria narrativa de si. Uma situação, uma relação, um episódio, são narrados e roteirizados, intensificados e dramatizados por técnicas narrativas que favorecem a identificação do leitor com o

autor-herói-narrador” (GASPARINI, 2014, p. 217).

Em outras palavras, não me parece plausível pensar que ler um texto como **Filho da Mãe** implica um desligamento total do leitor com o universo e as subjetividades latentes de um eu em demanda e em devir. Muito pelo contrário; afinal, o protagonista da obra reitera, por mais de uma vez, a necessidade a sua movência e a sua viagem. Ainda que todas as situações partam de um episódio muito particular e individual – a procura de um sujeito pela mãe que ele não conseguiu encontrar na sua infância, quando os dois chegaram a conviver alguns anos, antes de a doença a levar – tal como prescreve Gasparini, a efabulação de Hugo Gonçalves permite observar todos os episódios como componentes devidamente roteirizados, dramatizados e intensificados pela voz narrante, com um poder sedutor sobre o leitor, de tal modo que este se vê colado à trama e dela se aproxima, num acompanhamento *tête-à-tête* a cada passo narrado.

E a primeira aproximação vem no tratamento das imagens de abertura do livro *per se*, do objeto materializado. Na sobrecapa, bem como na capa, deparamo-nos com uma foto do arquivo pessoal do autor, onde surge uma mulher (a mãe Rosa Maria) de perfil, e não de frente. Junto a ela, um menino segura seu rosto e lança-lhe um beijo à face e, nesse movimento, encara frontalmente o leitor. Essa mesma imagem irá reaparecer nas páginas iniciais, mas com uma diferença relevante: em preto e branco e toda ela granulada, num sugestivo movimento de ligeiro desfazimento de baixo para cima.

Num sequenciamento nada gratuito, esse jogo imagístico antecipa o que será desenvolvido ao longo das páginas de **Filho da Mãe**, na medida em que, impossibilitado de criar uma imagem frontal, total e acabada da principal figura de sua infância, o narrador só pode recompô-la a partir das ruínas disponíveis: as fotos, os relatos do pai, do irmão e da avó, os testemunhos picotados de alguns poucos convivas. Ou seja, não é possível a recompor na sua integralidade e totalidade, mas apenas na sua parcialidade. Por isso, não me parece que estamos diante de um auto-retrato, mas de uma autoficção, na medida em que, também pelas malhas da efabulação, a memória vai cedendo gradativamente a uma composição parcial da mãe, mas a partir da perspectiva única e pessoal do filho.

Quero lembrar, aqui, a definição de Janet Malcolm, ao procurar entender as malhas do exercício autobiográfico: “A memória tem lampejos e pistas, mas não mostra nada com nitidez ou clareza. A memória não narra ou representa personagens. A memória não tem nenhuma consideração com o leitor. Para que uma autobiografia seja minimamente legível, o autor deve intervir e subjugar o que se poderia chamar de autismo da memória, sua paixão pelo tedioso. Ela não deve ter medo de inventar. Acima de tudo, deve inventar a si mesmo” (MALCOLM, 2016, p. 382).

Nada mais apropriado para pensar as artimanhas do narrador de **Filho da mãe**, na medida em que, ao exercer a sua memória na recuperação da figura materna e de um passado sublimado pela dor, ele propõe não só resgatar trajetórias (suas e de seus parentes) que se cruzam e

convivem com o trauma da separação precoce, como também reinventar a si próprio, enquanto sujeito marcado pela ausência da materna, pela impossibilidade de dizer aquilo que, como filho, precisava expressar, mas que, infelizmente, a inexorabilidade do câncer acabou por impedir.

Nesse sentido, os paratextos tem uma funcionalidade crucial, posto que os versos de José Agostinho Baptista realçam um silêncio que, “como uma pedra imensa, / encostada à garganta” (p. 9) precisa ser removido para que a voz se faça; ou, ainda, a idéia de uma troca mutável, de uma viagem consciente das metamorfoses possíveis, vai se concretizando a cada etapa da jornada narrada, porque “não sabemos o que vamos encontrar no caminho ou o que faremos com aquilo que descobriremos – nem o que aquilo que descobriremos irá fazer conosco” (p. 9). Ambas as iniciativas, enfim, acabam remodeladas nas mãos artesãs da Avó Margarida, para quem, “Um homem é um homem, um bicho é um bicho, corta-se-lhe o rabo e fica rabicho” (p. 9).

Talvez, por isso, **Filho da Mãe** permite ser lido não só como um romance, mas também como uma autobiografia, um romance autobiográfico, uma autoficção e, até mesmo, como dirá a sábia avó, um rabicho, um algo misturado que contém todas essas possibilidades (tanto as entrecortadas, quanto as misturadas) e mais outras, a partir do gosto do leitor. De minha parte, não há dúvidas: estamos diante de uma efabulação ficcional muito bem elaborada, onde as alterações premeditadas e os exercícios memorialísticos não excluem a liberdade imaginativa. Aliás, é esse o alerta do próprio narrador nas páginas iniciais: “Com a exceção do nome da mãe, todos os outros foram alterados. Mas este é um relato verdadeiro, ainda que, na tentativa de fazer sentido, a nossa memória seja tantas vezes imaginação” (p. 11).

Um dos aspectos mais significativos nesse processo autoficcionalizador é a divisão do relato em 3 etapas e, em cada uma delas, as vivências da perda, do luto e das lembranças. Sem qualquer preocupação de estabelecer um pacto diacrônico, as situações familiares, os diálogos com o irmão, os passeios na praia, as alterações de espaço e de tempo por causa das mudanças de cidades e de colégios com regimes muito diferentes, além dos seus ciclos de pequenos exílios em cidades como Nova Iorque e Rio de Janeiro, todo esse conjunto de aventuras vai sendo roteirizado de forma a compor o caráter e o perfil do narrador-herói.

Aqui, acredito que está a generosidade e a coragem de Hugo Gonçalves na tessitura narrativa. Se não poupa detalhes do seu comportamento aguerrido e aventureiro em terras estrangeiras, por outro lado, também não esconde as situações que poderiam dar azo a uma conjunção com uma anti-heioicidade: os amores fortuitos, o sexo consensual e muito pouco ortodoxo (se é que nessa matéria existe tal coisa chamada ortodoxia), a facilidade no consumo de bebidas alcoólicas e na experimentação de drogas, a dificuldade em manter compromissos e continuidades afetivas e a aproximação a um comportamento autodestrutivo.

Nada disso, no entanto, parece configurar o perfil de um anti-herói, na medida em que, ao valer-se de uma honestidade, de uma limpidez discursiva e de uma perspectiva direta e

sem rodeios sobre as suas inqueitações, o narrador deixa em evidência aquilo que melhor o caracteriza como um autêntico herói de uma aventura só sua, qual seja, a sua humanidade desnudada, despida e, ao mesmo tempo, completa porque materializada pelo veio poético e autoficcional: “Sei que os meus pais não eram apenas aquilo que as minhas memórias de criança garantem que eles foram. Mas tive de chegar aos quarenta e um anos, tendo sido protagonista do medo, do falhanço, da imprudência, do enfado, do desgosto, da injustiça, do egoísmo, do remorso e da vergonha, para perceber que, embora sublimados na minha infância, eles seriam afinal como eu, como todos os outros: primatas de ânimo inconstante e satisfação temporária, julgando-se especiais de manhã e uma merda à noite; tão paralisados pela dúvida como errados nas certezas [...] Pode não ser a versão mais fidedigna, mas é aquela que sinto como mais verdadeira” (p. 71).

Nesse processo de reconstrução de um passado vivido, mas só possível de ser recuperado pelas ruínas que as fotografias e os relatos dos seus parentes poderiam ajudar a compor, não deve o leitor cair na armadilha de considerar o narrador um sujeito vitimizado pela saudade – ainda que esta se mova nas raízes de cada fragmento reintegrado na efabulação – ou de desejar encontrar no seu discurso um emaranhado descritivo de situações lacrimojantes. Ainda que o mote principal esteja direcionado à morte da mãe por uma doença ingrata e cruel, é sobre a vida e os efeitos colaterais da ausência materna na sua , enquanto homem e indivíduo, que toda a narrativa se arquiteta.

Sem querer roubar o prazer do contato do leitor com a narrativa de Hugo Gonçalves, é preciso, ainda, destacar que **Filho da mãe** não constitui uma prática ficcionalizante ao acaso. Muito pelo contrário, é fruto de um escritor amadurecido pelas experiências e percalços vividos (tal como se poderá constatar ao longo do texto em foco), bem como pela sua trajetória já solidificada com obras relevantes e dignas de nota dentro do cenário da novíssima ficção portuguesa, como o intrigante e violento romance **O coração dos homens** (2006); a trama jocosa e, ao mesmo tempo, inquietante de **Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo** (2013); ou, ainda, a misteriosa, envolvente e fantástica efabulação de **O caçador do verão** (2015).

Atrevo-me, mesmo, a afirmar que **Filho da mãe** constitui um daqueles casos singulares de autoficção em que o olhar subjetivo do narrador procura a si próprio dentro de uma jornada, como ele próprio irá afirmar, “que se faz sozinho” (p. 237), mas também não se recusa a recompor um tempo que não é só seu, mas de uma geração que viveu as expectativas de redemocratização de Portugal depois do 25 de abril de 1974, a cultura pop dos anos de 1980, as oscilações políticas dos anos de 1990, além das alterações econômicas ocorridas ao longo das primeiras décadas do século XXI.

Trata-se, no meu entender, de uma obra muito especial, de autenticidade, coragem e, ao mesmo tempo, generosidade do narrador, que a coloca dentro daquela proposta de desterritoria-

lização espacial, característica do atual romance português, na medida em que o seu protagonista transita e perambula por locais do seu passado e pelas memórias, com seus laivos e lampejos, numa demanda muito próxima daquele “cosmopolitismo”, sugerido por Miguel Real (2012).

Sem perder a sensibilidade própria desse tipo de relato, a narrativa encerra-se com uma das mais paradigmáticas lições do narrador: “Quando, há trinta e dois anos, regressei a casa e fui procurar a minha mãe em cada quarto, comecei a esquecer a sua voz. Não tenho o casaco de peles, os desenhos do hospital ou as cassetes. Mas, porque somos aquilo que recordamos, nesse dia passei a ser também a sua voz, a sua memória, essa coisa humana – essa coisa assombrosa – de podermos amar aquilo que a morte tocou” (p. 237).

Recordar. Do latim *res* (coisas) e *cordis* (coração). Em outras palavras, o exercício do narrador centra-se na recuperação de coisas que só no coração poderiam habitar e na partilha generosa destas no registro das malhas tecidas em **Filho da mãe**. Por isso, o seu apelo afetivo à memória da mãe. Por isso, o seu apelo inequívoco à vida. Ou, como diria o poeta Albano Martins, “A vida, / – essa invenção magnífica / da morte” (MARTINS, 1990, p. 88). Bem haja.

Referências

GASPARINI, Philippe. Autoficção é o nome de quê? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 181-221.

GONÇALVES, Hugo. **Filho da Mãe**. Lisboa: Companhia das Letras, 2019.

MALCOLM, Janet. **41 inícios falsos**: ensaios sobre artistas e escritores. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARTINS, Albano. **Vocação do silêncio**. Poesia (1950-1985). Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

REAL, Miguel. **O Romance Português Contemporâneo (1950-2010)**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.